

REVISTA
Desassossego

REVISTA
Desassossego

Modernismo Português

Bruno Anselmi Matangrano
Joana Souto Guimarães Araújo
Leonardo de Barros Sasaki
(editores-responsáveis)

Caros leitores,

Em 1916, o Modernismo português perdia uma de suas figuras mais importantes e icônicas, o jovem poeta Mário de Sá-Carneiro, que tirou a própria vida em Paris. Nada mais justo, portanto, que lhe prestemos a devida homenagem com mais um número dedicado ao **Modernismo português**, dando continuidade ao dossiê anterior por ocasião dos 100 anos de publicação dos dois números da *Revista Orpheu*, marco incontornável do movimento modernista em Portugal.

Neste 15º número da *Revista Desassossego*, periódico semestral do Programa de Pós-graduação em Literatura Portuguesa da USP, trazemos a público 14 novas contribuições de professores e pesquisadores em torno da produção do Modernismo português, e, sobretudo, em torno das diversas *pessoas* que compõem o universo de Fernando Pessoa, figura que sempre se faz fortemente presente em qualquer estudo deste período.

Nosso dossiê se abre com interessante texto de **Maria Lúcia Outeiro Fernandes** que, partindo da *Revista Orpheu*, comenta sobre a tensão e o diálogo entre tradição e vanguarda durante o movimento modernista, ao mesmo tempo em que debate os conceitos de moderno, modernidade e modernismo na lírica portuguesa. Em seguida, **Duarte Drumond Braga** recolhe as referências orientalistas em poemas de Álvaro de Campos, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros e mostra-nos como, na contramão do praticado pelas poéticas finesseculares, os autores desconstroem os estigmas da alteridade oriental.

Os dois artigos seguintes se dedicam às questões da existência em Álvaro de Campos e Raul Brandão – sendo este um dos prosaístas de maior monta do início do século XX. No primeiro, o filósofo **Franklin Leopoldo e Silva** acredita ser possível encontrar na obra do heterônimo uma tentativa de recusa à “representação *existencialista* da realidade”. Já **Miguel Filipe Mochila** propõe uma leitura do romance *Húmus* focada nas questões existenciais, ao mesmo tempo em que aponta seus traços de modernidade.

Passa-se a dois textos sobre o livro *Mensagem*, de Fernando Pessoa: enquanto **José Clécio Quesado** nos mostra como o poeta trabalha um modelo de “épico moderno”, a partir da ideia do sonhado Quinto Império, em evidente diálogo com *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, o historiador **Daniel Vecchio** traça, por outro lado, um paralelo entre mito e história apontando momentos em que as duas questões se entrelaçam e tornam-se matéria para o livro de Fernando Pessoa e instrumento de crítica à sua época.

Segue-se então uma série de cinco artigos que debatem o diálogo estabelecido entre Fernando Pessoa e autores de diferentes momentos. No primeiro trabalho, **Patrícia da**

Silva Cardoso retoma o texto *Fausto*, de Fernando Pessoa, e explora o diálogo estabelecido com os *Faustos* anteriores – o de Goethe e, sobretudo, o de Marlowe, tentando demonstrar não apenas a tensão entre real e sobrenatural e como também os deslocamentos operados no texto pessoano. Por sua vez, **Geraldo Augusto Fernandes** se debruça sobre a temática da cidade, contrapondo a vida urbana descrita por Cesário Verde e a cidade já moderna de Fernando Pessoa. Já em terreno mais contemporâneo, **Madalena Vaz Pinto** resgata a presença pessoana na construção da poética do testemunho de Jorge de Sena; **Vivian Steinberg**, por sua vez, busca aproximar “Chuva Oblíqua”, de Pessoa, a “Sumário Lírico”, de Fiamma Hasse Pais Brandão, discutindo o interseccionismo, sobretudo a partir da ideia de arte fragmentada. A série de diálogos pessoanos se encerra com o texto de **Anita Costa Malufe** que analisa o sensacionismo à luz das teorias do filósofo Henri Bergson, explorando as proximidades do conceito de “sensação” nos dois autores.

Por fim, o dossiê se encerra com três estudos em torno de uma das emblemáticas obras de Pessoa: *O Livro de Desassossego*. Na mesma senda do texto de Malufe, **Eduino José de Macedo Orione** discute o conceito de “sensação” n’*O Livro do Desassossego*, demonstrando como este configura uma forma de ver o mundo. Já **Ana Ferraria** explora as diferenças entre o plano da percepção e o plano da emoção nesse livro, que, segundo ela, se diferencia do conjunto da obra pessoana pelo “uso potencialmente formalista da linguagem” e pelas “alusões textuais à prosa francesa”. O dossiê se encerra com o texto de **Maria Aparecida Rodrigues** que se debruça sobre o trecho “Na Floresta do Alheamento”, no qual identifica um efeito de simulação discursiva da voz poética sobre o próprio ato do fazer poético.

Além do dossiê, o 15º número da *Revista Desassossego* também conta com a publicação de um depoimento, uma entrevista, uma resenha e um conjunto de poemas. No depoimento, concedido à Professora **Lilian Jacoto**, **Carlos Felipe Moisés**, ainda na temática do dossiê, sublinha o caráter de “ação coletiva” da revista, obscurecido, muitas vezes, pela centralidade de Fernando Pessoa. Assim, *Orpheu* deve ser lembrado também como “o mais flagrante e fecundo exemplo de hibridez nos quadros da modernidade”, cujo sentido permanece vivo até os dias de hoje. Já na entrevista, realizada pelos pesquisadores **Ana Cristina Joaquim** e **Rui Daniel Nascimento Sousa**, **Helder Macedo** responde de modo sensível e comovente a uma série variada de perguntas sobre as intersecções entre sua obra crítica e literária, as relações com a tradição e com o modernismo de *Orpheu*, o

convívio com outros escritores em torno do Café Gelo e as implicações de sua vida como professor universitário na Inglaterra.

Em “Visitações” **Amélia Loureiro**, ao explorar rastros abandonados, pontos cegos, direções do devaneio, desafia os modos habituais com que acomodamos a visão aos propósitos lógicos que acabam por anular distâncias em favor de nexos mais propensos à ação, aos dados objetivos, às sínteses que povoam nosso cotidiano mais imediato e interessado. A consciência refaz-se pelo corpo e a poesia reata eles por outras bases num “desenho que sai do perímetro causa-efeito”, como nos diz o primeiro poema, transpondo as cegueiras que se instauram desde o “impositivo” e o “degredo”, descritos no segundo, até as placas que multiplicam o “VENDO” pela cidade, em sugestiva submissão do ver à venda e às sujeições do nosso “fim de mundo mercado”.

A resenha escrita por **Bianca Rosina Mattia** dedica-se ao romance inacabado *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*, de José Saramago, publicado pela Porto Editora, em 2014, cujo título provém da tragicomédia *Exortação da Guerra*, de Gil Vicente. A edição tem a vantagem de trazer as anotações do próprio autor sobre o andamento da escrita e as motivações da história, ambientada em torno de uma fábrica de armamentos em funcionamento desde a Guerra Civil Espanhola.

Em nome de todos os colaboradores do número, os editores da revista desejam-lhe uma agradável e proveitosa leitura!

Bruno Anselmi Matangrano, Joana Souto Guimarães e Leonardo de Barros Sasaki,
editores.